

**AUTO DE FE CON GALDÓS. ENSAYOS
GALDOSIANOS, CON EL EPISTOLARIO
ENTRE LOS AUTORES**

RAMÓN PÉREZ DE AYALA

JAVIER SERRANO ALONSO (ED).

**Zaragoza: Prensas de la Universidad de
Zaragoza, 2022**

CLXXXIV + 358 páginas. ISBN

978-84-1340-400-4

Reúnem-se neste volume, organizado por Javier Serrano Alonso, todos os ensaios escritos por Ramón Pérez de Ayala que têm como alvo crítico único ou prioritário a obra do romancista e dramaturgo Benito Pérez Galdós.

Para além de serem oriundos de espaços geográficos bem distintos, pois Galdós era natural de Las Palmas, a maior cidade das Ilhas Canárias e uma das capitais da respetiva comunidade autónoma, enquanto Pérez de Ayala nasceu em Oviedo, nas Astúrias, os dois pertencem a gerações etárias e literárias igualmente muito divergentes. Nascido em 1843, Galdós é visto em Espanha – e já o era no seu tempo – como o principal representante do romance realista no país. A historiografia literária atribui-lhe mesmo o papel de introdutor da estética realista em Espanha, por ter aberto o debate sobre a necessidade de traduzir na narrativa de ficção a vida da classe média e os temas contemporâneos, através da publicação na *Revista de España*, em 1870, do artigo intitulado “Observaciones sobre la novela contemporánea en España”, com o pretexto de resenhar

dois livros de Ventura Ruiz de Aguilera, um dedicado aos *Proverbios ejemplares* e o outro aos *Proverbios cómicos*. Seguir-se-ia, ainda em 1870, a publicação do romance *La Fontana de Oro* e, depois desse, de algumas dezenas de outros romances avidamente esperados por uma extensa legião de fiéis leitores. Ramón Pérez de Ayala, nascido em 1880, desenvolveu a sua atividade literária no quadro do modernismo (que corresponde em Portugal ao simbolismo e ao decadentismo) e da habitualmente chamada “geração de 1914”. Separam-nos, portanto, quase 40 anos de vida, sendo conseqüentemente um pouco bizarra a amizade que uniu estes dois autores, tendo ainda em conta que D. Benito não era um escritor muito venerado pelos modernistas espanhóis. Conhecem-se as desavenças de Ramón de Valle-Inclán com “don Benito el garbancero”, mas, como nos indica Javier Serrano Alonso (p. 27), também Unamuno, os irmãos Machado, Baroja ou Azorín são nomes ausentes da declaração de apoio à candidatura de Pérez Galdós ao Prémio Nobel da Literatura de 1913, redigida por Ramón Pérez de Ayala. Este não partilhava a vocação iconoclasta antirrealista de alguns dos seus contemporâneos e dedicou muitas páginas ao estudo de narradores realistas e naturalistas como Clarín, Eça de Queirós, Juan Valera ou mesmo Émile Zola. A nenhum prestou, no entanto, tanta atenção como ao autor de *Tormenta*, a quem dedicou inúmeros artigos jornalísticos, que Javier

Serrano recolheu neste livro. Em nota de rodapé (p. XVI), o organizador do presente volume explica que chegara a estar prevista, com coordenação sua, a edição em sete volumes de toda a obra ensaística do escritor ovetense na Biblioteca Castro, explicitando que o projeto fora abandonado por decisão dos responsáveis deste importante empreendimento editorial. Das projetadas obras completas de Ramón Pérez de Ayala, a edição ficou limitada a cinco volumes (todos igualmente realizados sob a direção de Javier Serrano Alonso), o quinto dos quais correspondia precisamente ao primeiro dos sete tomos ensaísticos previstos.

Mas regressemos ao livro de cuja recensão aqui me ocupo. O que é que, em concreto, o editor do volume recolheu em *Auto de fe con Galdós. Ensayos galdosianos, con el epistolario entre los autores*: textos de Pérez de Ayala sobre Galdós já anteriormente recolhido em livro; textos publicados na imprensa e aqui compilados pela primeira vez; a correspondência epistolar entre os dois escritores que foi possível recuperar para este livro. A fonte original de alguns dos textos aqui recolhidos são manuscritos e autógrafos existentes no espólio do escritor depositado na Biblioteca de Asturias, em Oviedo, mas só um desses manuscritos era completamente inédito até à sua inserção nesta coletânea de ensaios. A transcrição foi sempre feita a partir dos originais, editados ou autógrafos, ainda que possam ter sido cotejados com anteriores

versões “para comprovar alteraciones, supresiones o carencias” (p. X). O título atribuído pelo organizador ao volume inspira-se diretamente no título de alguns artigos publicados por Ramón Pérez de Ayala na imprensa de Buenos Aires e em manuscritos do espólio já identificado.

De acordo com Serrano Alonso, Galdós e Pérez de Ayala ter-se-ão conhecido pessoalmente em 24 de abril de 1905, num almoço de homenagem ao autor de *La desheredada*. É, pois, o encontro entre um velho e aclamado homem de letras e um jovem que mal se iniciava no mundo literário espanhol. É ainda nesse ano que tem início a correspondência epistolar entre os dois escritores, com um tratamento bastante solene por parte do autor de *Belarmino y Apolonio* relativamente ao “venerado don Benito”, que passa rapidamente a “venerado Maestro” e só alguns anos mais tarde a, simplesmente, “querido don Benito”. Mas do princípio ao fim dessa correspondência (a última carta é supostamente de dezembro de 1918) sempre se assume como discípulo do escritor canário. Já, para Galdós, Ramón Pérez de Ayala é um *querido* ou *queridísimo* “amigo”, por vezes apenas “querido Ayala”. A sensação da passagem do tempo nessa correspondência cruzada durante treze anos decorre, sobretudo, do facto de nos primeiros anos sobressaírem os pedidos de Pérez de Ayala a Pérez Galdós (envio de livros, uma carta de recomendação ou solicitação de um retrato,

que o mestre tardou em enviar ao discípulo), enquanto nas últimas missivas, com o declínio da saúde, da fortuna e da influência do autor de *Fortunata y Jacinta*, ser este quem solicita os bons serviços do seu amigo para lhe solucionar problemas com jornais e editoras. O episódio mais caricato dessa correspondência é o ingénuo pedido que o jovem escritor faz ao seu famoso interlocutor para que escreva ao seu pai a explicar-lhe que o romance *Tinieblas en las cumbres*, prestes a sair sob pseudónimo, não é imoral nem escandaloso, mas antes traduz um pensamento nobre, elevada e talvez profundamente religioso (p. 304).

Javier Serrano Alonso reconhece, na Introdução, que Ayala se sentiu mais livre para escrever sobre Galdós depois da morte deste, ocorrida em 1920 (o escritor ovetense sobreviver-lhe-ia até 1962). Explica este facto pela imposição que Pérez de Ayala fez a si próprio de ser uma espécie de cronista das atividades empreendidas pelo seu mestre, na etapa final da sua vida, sobretudo centrada no teatro. Nesta qualidade de relator do trabalho literário quotidiano de Galdós, Ayala é uma espécie de sucessor de Leopoldo Alas “Clarín”, que exercera idênticas funções no último quarto do século XIX. Mas Clarín teve a vantagem de ter acompanhado a escrita de Galdós, praticamente romance a romance, na época mais criativa e mais genial do autor de *La Fontana de Oro*, *El amigo Manso* e *Marianela*, e de a ter estudado

e enquadrado numa perspetiva inicialmente krausista e depois naturalista e pós-naturalista, comparando-o com os grandes romancistas seus contemporâneos, não apenas os espanhóis Valera, Alarcón e Pereda, mas também vultos internacionais como Zola, Flaubert ou Eça de Queirós. Para o autor de *La Regenta*, Galdós estava acima de todos os escritores espanhóis e ao mesmo nível dos mais destacados mestres estrangeiros.

Também para Pérez de Ayala, Benito Pérez Galdós ocupava uma posição acima de todos os seus contemporâneos espanhóis, e para encontrar possíveis rivais quanto ao mérito literário era preciso recorrer a figuras como Cervantes, Shakespeare, Tolstói ou Victor Hugo. Mas se o Galdós do século XX não estava à altura do Galdós do século XIX, isso não impediu Ramón Pérez de Ayala de legar à posteridade um retrato físico e psicológico do mestre canário que não interessara muito aos críticos etariamente mais próximos de Galdós, talvez ofuscados pela visibilidade da obra do incansável escritor, quando publicava com pendular regularidade, por vezes com vários títulos num só ano, tanto os seus romances de tema contemporâneo como a sequência de *Episodios Nacionales*.

Já em vida de Galdós, Ayala se referia à modéstia e timidez do mestre. A sua evocação póstuma permitiu-lhe obviamente acrescentar detalhes: “Era de escasísimas palabras, y aún añadiré que de ninguna, como no se sintiese

muy en confianza. Nunca pudo hablar en público, pues sufría un *shock* de inibição, que le volvía mudo. Una vez, sus admiradores le dieron un banquete. Se había negado a leer unas cuartillas al final, pues estaba certísimo de que no podría, por más que hiciese, despegar los labios. Le indicaron entonces que por lo menos tendría que leer una breve cuartilla, alguna frase, dando las gracias” (pp. 265-266). E efetivamente Galdós, naquela circunstância, não foi capaz de ir além da articulação ansiosa de duas singelas palavras: “Muchas gracias”. Ayala sublinhou igualmente em vários escritos a grande generosidade do romancista canário, quer na avaliação dos méritos dos outros escritores (“¡Qué estilo maravilloso!”, dizia de Juan Valera; “¡Quién supiera escribir... como él!”, afirmava sobre Campoamor, p. 249), quer na distribuição de apoios económicos a quem a ele recorria, chegando para isso a contrair dívidas, à medida que iam diminuindo os proventos provenientes dos seus direitos autorais (cf. pp. LXXII-LXXIII). Nestes artigos mais tardios que Pérez de Ayala dedicou a Galdós, encontramos ainda vasta informação sobre os hábitos diários e os métodos de trabalho do autor de *Miau*; o seu modesto e provinciano vestuário; o seu gosto pelas viagens, dentro de Espanha ou ao estrangeiro; as suas leituras, intensas mas concentradas num pequeno núcleo de escritores, entre os quais distingue Shakespeare, Dickens, Eurípedes, Cervantes, Lope de Vega e

mais tarde Tolstói. Esta informação só é possível, e credível, porque a amizade entre os dois escritores se foi adensando com os anos e Pérez de Ayala veio a ser uma assídua visita da casa de Pérez Galdós em Madrid e um dos seus mais íntimos confidentes.

Mas será que o respeito e a amizade pelo mestre contaminaram a avaliação crítica que o autor de *Tinieblas en las cumbres* fazia da obra de Galdós? Javier Serrano Alonso sublinhou o facto de Ayala ter valorizado praticamente por igual o Galdós romancista (“uno de los tres o cuatro grandes novelista de todos los tempos”, p. XCVIII) e o Galdós dramaturgo: “Fue el más grande autor dramático contemporáneo, como el primero también en la novela” (p. XCVIII). Mas a verdade é que a obra dramática de Pérez Galdós não resistiu tão firmemente como a narrativa à passagem dos anos e Galdós não é hoje um nome grado na história do teatro espanhol. Às vezes a realidade agiganta-se fantasiosamente quando é vista demasiado de perto.

Quanto à estrutura do livro, já referi a longa “Introdução”, subintitulada “La fe galdosiana de Pérez de Ayala”, que se estende por 164 páginas, incluindo a bibliografia e que comporta cinco divisões internas, sendo antecedida por uma brevíssima “Presentación”. Os textos de Ayala são transcritos por ordem cronológica, acompanhados da identificação, em rodapé, da sua proveniência. Essa informação é, de resto, antecipada numa parte não numerada

da introdução intitulada “Notícia bibliográfica”, onde se indicam todos os suportes físicos em que foi publicado cada um dos artigos. Constatase assim que vários deles viram a luz com escasso tempo de diferença em duas publicações periódicas distintas, por exemplo num jornal argentino e noutra espanhol. Muitos foram recolhidos em compilações de textos ayalanianos editadas depois da morte do escritor. O mérito principal deste livro, e não é pequeno, é, portanto, o de juntar num só volume o material que se encontrava disperso por vários suportes editoriais, alguns de difícil acesso para o leitor, e nenhum deles de temática exclusivamente galdosiana, munindo-o de um texto introdutório competente, detalhado e esclarecedor.

António Apolinário Lourenço

https://doi.org/10.14195/2183-847X_13_13

PESSOA E SARAMAGO

MIGUEL REAL

Lisboa: D. Quixote, 2020

270 páginas. ISBN 978-972-20-7364-6

O primeiro contacto que tive com a obra de Miguel Real ocorreu há já muitos anos, em 1980, antes mesmo de o autor ter criado o pseudónimo pelo qual é hoje conhecido, quando adquiri e li com prazer o romance intitulado *O Outro e o Mesmo*, distinguido com o Prémio Revelação de Ficção da APE/IPLB de 1979, que tocava uma reali-

dade política que me era muito próxima: a história de uma personagem política que entrava num processo de dúvida. A este livro seguir-se-ia um interregno, só interrompido pela publicação, alguns anos depois, de algumas obras da área da Filosofia (a formação académica original do autor), enquanto o regresso à literatura, como ensaísta, ficcionista e dramaturgo, teria de esperar pela proximidade do novo milénio. Esse regresso seria, podemos dizê-lo, em força e desde então têm sido raros os anos em que o autor não presenteia os seus leitores com relevantes livros de crítica e ficção literárias (frequentemente mais do que um), colaborando também assiduamente na imprensa cultural, sobretudo no *Jornal de Letras*.

O ensaísmo de Miguel Real tem como um dos seus grandes méritos a enorme honestidade intelectual que assiste à sua escrita. É um cuidadoso leitor, sem dúvida, tanto das obras dos autores analisados como de uma parte muito substancial da exegese crítica sobre eles produzida. Isto pode soar a algo óbvio, mas infelizmente nem todos os críticos realizam esse trabalho de casa tão imprescindível como cautelar. Por isso, a leitura que Miguel Real faz de Pessoa e Saramago inclui um profícuo diálogo com o conjunto da receção da obra pessoana e saramaguiana.

Pessoa e Saramago é apresentado na página da ficha técnica como “uma transcrição revista e aumentada da conferência com o mesmo título promovida para professores de Língua e Lite-